



Terras
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

Ficha Técnica

Título

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo
Os Valores do Côa

Promotor e Editor

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

Concepção e Coordenação

Parque Arqueológico Vale do Côa

Fotografia e Secretariado

Centro Nacional de Arte Rupestre

Edição co-financiada por

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

Design Gráfico

José Luís Madeira

Execução

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem

1500 exemplares

Depósito legal

124831/98

ISBN

972-97832-0-9

1998

Fotografia da capa

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEVHID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

Sumário

Introdução	7		
CAPÍTULO I			
CENTROS DE POVOAMENTO:			
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS			
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15		
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:			
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo substituiu a vila de Santa Cruz da Vilarça	18		
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22		
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação arqueológica em curso	24		
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:			
Longroiva, Muxagata e Meda	30		
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada de Moreira de Rei	36		
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento com D. Isabel de Aragão	38		
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41		
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel e o passo do Côa na Ponte Velha	43		
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira dos séculos XVII e XVIII	51		
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55		
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas e duas vilas portuguesas	59		
CAPÍTULO II			
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS			
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77		
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85		
– As Quintas	85		
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87		
– Outras modalidades do povoamento romano	90		
– Percursos	92		
CAPÍTULO III			
CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:			
UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA			
Património Religioso Edificado e Arte Sacra.			
Registo de ocorrências discretas		103	
<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>		117	
CAPÍTULO IV			
SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA			
A Olaria		135	
– A olaria de Felgar / Larinho		136	
– A olaria de Santa Comba / Barreira		137	
A Olaria de Malhada Sorda		141	
O trabalho do ferro		144	
Olhares sobre a seda nas terras do Côa		151	
CAPÍTULO V			
TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM			
Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem		163	
Senhora do Castelo de Urros		166	
Senhora do Castelo da Adeganha		168	
Senhora dos Montes Ermos		170	
Marialva		173	
Sabugal Velho		174	
Caria Talaia		176	
Sortelha		178	
CAPÍTULO VI			
TERRAS DO BAIXO CÔA:			
PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA			
As gravuras, a beleza e a liberdade		183	
O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa		184	
Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa		190	
A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART)		196	
Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas		202	
Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira: um programa global de investigação multidisciplinar		205	
Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte do Castelo (Almendra)		209	



Capítulo III

Construção e espaço sagrado: um percurso pela arquitectura religiosa

Laura Castro
Ana Margarida Carvalheira

O MOSTEIRO CISTERCIENSE DE SANTA MARIA DE AGUIAR

Introdução

O mosteiro de Santa Maria de Aguiar, situado a três quilómetros a sudeste do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, ergue-se na paisagem beirã, enquadrando-se no contexto rural no qual nasceram a maior parte dos mosteiros fundados, ou filiados, pela Ordem de Cister.

Conhecidos com a denominação de monges-agricultores, os homens que implementaram a reforma cisterciense escolheram, como espaços privilegiados para a construção das suas abadias, as localidades afastadas dos perímetros urbanos, onde pudessem desenvolver práticas agrícolas muitas vezes pioneiras no sistema económico medieval¹.

A exploração dos domínios agrícolas cistercienses, designados vulgarmente por granjas, contribuiu para o florescimento das abadias anexadas à Ordem, permitindo o desenvolvimento de uma economia de excedentes (derivada da gestão de produtos provenientes dos solos agrícolas explorados pelos irmãos conversos), o que facilitou também a expansão quantitativa das terras pertencentes aos mosteiros.

Neste enquadramento, desenvolveu-se o mosteiro de Santa Maria de Aguiar. Implantado numa zona de conflituosidade latente, o conjunto religioso ribacudense conheceu etapas de maior ou menor prosperidade, aliadas a períodos de guerra ou de paz. Porém, a anexação do território do Ribacoa ao reino português, facto que decorreu das estipulações do Tratado de Alcanices assinado nessa cidade em 1297, não promoveria a estabilidade política e institucional naquela região. Já as vicissitudes decorrentes dos confrontos militares que opuseram a coroa leonesa ao reino português nos finais do séc. XII e as lutas intestinas travadas entre reis e nobres nos inícios do séc. XIV acabariam por intervir negativamente na conclusão do mosteiro e da igreja de Aguiar, cuja configuração espacial reflecte um produto arquitectónico insólito, consequência possível de um estado de guerra constante².

A Igreja

Ao contrário da maior parte das igrejas cistercienses construídas durante a Idade Média em solo português, não se conhece a data na qual foram lançados os primeiros alicerces para a construção da igreja de Santa Maria de Aguiar. Porém, se considerarmos a ano de 1174 como ano de adopção da



Fig. 1 – A igreja do mosteiro de Santa Maria de Aguiar.
Fachada principal

reforma cisterciense, a partir do qual teria ocorrido a transferência da comunidade religiosa para o local actual, podemos talvez concluir que, em cerca de finais da centúria, ou inícios da seguinte, o edifício que hoje conhecemos se encontrasse em fase de construção.

Ora, nos princípios do séc. XIII, o mosteiro de Aguiar conheceu uma fase de franco florescimento, consequência directa de uma excelente gestão dos recursos económicos e das numerosas doações concedidas por reis e particulares ³.

Os historiadores da arte e os investigadores que se têm preocupado com o estudo artístico e arquitectónico da igreja cisterciense de Aguiar, reconhecem que a sua construção poderia ter ocorrido na passagem do século XII para a centúria seguinte: Anselme Dimier, monge cisterciense que publicou vasta bibliografia sobre a história dos edifícios afectos à sua Ordem considera, no segundo volume da obra dedicada à sistematização das plantas das igrejas cistercienses, que Aguiar teria sido edificada no século XIII sem, no entanto, referir a fonte que lhe permitiu avançar com esta hipótese ⁴. Artur Nobre de Gusmão avança com a possibilidade do templo cisterciense ter sido concluído apenas no século XIV, em virtude das guerras com Castela ⁵. Mais recentemente, Pedro Dias defende os anos próximos de 1200, altura em que as obras teriam sido começadas ⁶.

A construção da igreja coincidiu, assim, com uma etapa de prosperidade económica, o que teria permitido iniciar a edificação de um espaço mais ambicioso. Porém, e como atrás fizemos referência, as vicissitudes das guerras na região teriam impedido a conclusão da igreja, cuja traça se manteria incompleta até aos nossos dias.

Pela organização planimétrica da igreja de Santa Maria de Aguiar, identifica-se a existência de uma cabeceira tripartida que compreende uma abside de planta rectangular, ladeada por duas capelas laterais, quadrangulares, e com um transepto bastante desenvolvido em relação às proporções totais do recinto.

É uma igreja de planta latina com três naves mas com apenas dois tramos, o que confere uma certa singularidade a todo o conjunto. A ordenação do corpo da igreja enquadra-se na organização espacial do românico cisterciense português que encontrou na igreja de S. João de Tarouca a sua expressão final.

A fachada principal, voltada a poente, divide-se em três panos que se separam pela volumetria maciça de dois contrafortes médios, de secção quadrangular. A adopção desses elementos de suporte obedece a uma função específica, pois absorvem o impulso dos arcos formeiros para o exterior enquanto que, visualmente, nos informam sobre a organização interna do espaço, definindo um corpo composto por três naves, sendo a central mais elevada que as laterais.

As poucas aberturas localizadas no alçado principal da igreja de Aguiar consistem numa porta em arco de volta perfeita e numa abertura de iluminação, ambas extraordinariamente simples, sem qualquer conotação de grandiosidade estrutural ou decorativa.

O fachada voltada a poente caracteriza-se, assim, pela singeleza plástica e pela ausência de um pronunciado sentido rítmico, apelando à permanência de algumas fórmulas que integram o românico cisterciense.

Ao contrário do arcaísmo do alçado principal, a fachada sul revela-nos, surpreendentemente, uma relação mais intensa com as soluções determinadas pela expressão gótica, o que vem realçar o hibridismo estilístico que qualifica a igreja (Fig. 2). O tratamento construtivo de que fora alvo a estrutura meridional do edifício faz-nos questionar a existência anterior, no alçado principal, de um alpendre, ou nartex, mais elaborado, artística e arquitetonicamente. A desarticulação estilística que se verifica nos dois corpos pode, por outro lado, ter sido derivada de desfasamentos cronológicos nas etapas da sua construção tendo, assim, acompanhado a evolução dos estilos. Mas, por outro lado, é possível, também que este alçado tenha sido nobilitado na medida em que consistia no local mais perceptível do exterior, nomeadamente, nas cerimónias fúnebres. Situado face ao terreno destinado ao cemitério, que nos mosteiros cistercienses ficava localizado no terreno oposto às dependências conventuais, a fachada meridional funcionava como um elemento de aparato da igreja e da sua arquitectura.

Neste alçado, destacamos dois elementos fundamentais para a leitura estrutural e artística do edifício: a torre cilíndrica e o janela gótica. A primeira, edificada no ângulo sudeste teria sido utilizada, originalmente, como torre sineira já que os cistercienses afastavam-na na fachada principal, remetendo-a para um segundo plano na organização arquitectónica das suas igrejas. Calcula-se que a sineira teria tido uma tripla função: reunir os monges para a celebração dos ofícios litúrgicos, chamá-los para as refeições e comunicar à comunidade o falecimento de algum irmão.

Actualmente, a torre encerra no seu interior uma escada em caracol pela qual se ascende aos telhados da igreja. A construção de torres em pedra totalmente inscritas no perfil do edifício deve ter obedecido não só a funções de ordem religiosa ou litúrgica, mas também de caminhos de ronda.

No topo do braço do transepto, no registo superior, no eixo correspondente à porta de acesso ao interior da igreja, ergue-se, com alguma monumentalidade, um vão de iluminação bipartido, um dos elementos arquitectónicos mais interessantes de todo o conjunto: uma janela de dois lumes divididos por um mainel, encimados por um pequeno tímpano, onde foi vazado um óculo polilobado. Os vitrais são policromos nas bandas, estão protegidos por armações de chumbo e foram recuperados pelos trabalhos de beneficiação do edifício que ocorreram na década de 50. A janela é composta por um arco quebrado interno e arquivoltas ornamentadas com molduras em toros e escócias, assentes em impostas de duplo perfil e salientes, à semelhança da solução encontrada para a porta localizada no registo inferior. O pé direito da janela, no qual foram construídas impostas, foi também dividido tendo sido escalonado para receber as arquivoltas. Na parte inferior sobressaem duas mísulas possíveis reminiscências de alguma cobertura, ou



Fig. 2 – A Igreja de Santa Maria de Aguiar.
Alçado sul



Fig. 3 – A Igreja de Santa Maria de Aguiar.
Cabeceira

Fig. 4 – A igreja de Santa Maria de Aguiar.
Alçado norte



alpendre, talvez em madeira cuja funcionalidade remete, decerto, para um ritual funerário.

O virtuosismo técnico, construtivo e artístico evidenciado na janela do alçado sul, faz-nos constatar o trabalho de artífices e mestre de obras possivelmente formados em estaleiros onde o vocabulário gótico estaria, de certa forma, já bastante desenvolvido.

No alçado oriental (Fig. 3), a cabeceira escalonada dá-nos uma perspectiva parcial da organização interna do espaço religioso. Identificamos, assim, a existência de um transepto bastante desenvolvido em elevação e comprimento coexistindo, harmoniosamente, com a abside. Porém, a mesma observação não poderá ser efectuada na leitura das capelas laterais, cuja desproporcionalidade consiste na nota dominante na apreciação do conjunto. Aqueles espaços, demasiado pequenos em relação à abside e aos braços do transepto

consistem nos elementos construtivos mais irregulares de toda a igreja quer ao nível da elevação - estranhamente mais baixas que as naves laterais e a abside - quer ao nível da extensão - despropositadamente estreitas em relação aos outros corpos construtivos.

A abside é composta por três panos contrafortados, sendo dois cegos. Tem quatro contrafortes angulares, ligeiramente mais altos que os utilizados nos alçados oeste e sul, de secção quadrangular e escalonados nos remates. No entanto, os contrafortes localizados nas paredes sul e norte da abside foram substituídos por cunhais estruturalmente diferentes dos utilizados em outros panos, acompanhando o muro em toda a elevação. Aliás, são perceptíveis as cicatrizes destes elementos de suporte, pelo que se conclui que a sua construção deve ter sido efectuada num momento posterior, talvez na Época Moderna quando a abside conheceu uma profunda reestruturação. Na parede oriental foram rasgadas três frestas de um só lume, encimadas por arcos ligeiramente apontados e chanfrados.

Do lado norte, na face virada para o claustro (Fig. 4), verifica-se a introdução de alguns elementos que, pela primeira vez, são utilizados na composição arquitectónica e escultórica dos alçados. Em primeiro plano, podemos apreciar a elevação da nave lateral norte e no segundo, o pano de parede que identifica a elevação da nave central. O braço norte do transepto, estabelece a ligação às dependências conventuais do mosteiro.

O elemento arquitectónico mais interessante na composição deste alçado consiste na porta que faz a ligação ao antigo claustro,

conhecida, nas igrejas cistercienses com a denominação de porta dos monges. Esta abertura permitia aos religiosos a entrada no interior da igreja, enquanto que os irmãos laicos utilizavam a porta dos conversos (ligando o templo à ala com a mesma designação) mas que parece não ter existido na igreja de Aguiar devido, justamente, ao reduzido número de tramos da nave ⁷. Porém, dado o projecto inconcluso da igreja de Aguiar, a entrada para o interior do recinto deve ter sido efectuada pela mesma porta, por monges residentes e irmãos conversos, indiferentemente.

Pela análise formal da porta dos monges, constata-se algumas características isomórficas relativamente à composição da denominada porta dos mortos localizada no alçado sul ⁸. Assim, a utilização de um arco quebrado e arquivoltas, ora emolduradas com toros, ora ornamentadas com escócias, criam um efeito estético particular. As colunas cilíndricas têm aqui uma função meramente decorativa: são colonelos adossados ao pé-direito do portal, de fustes monolíticos, encimados por capitéis decorados com motivos vegetalistas obedecendo, assim, às premissas cistercienses no que respeita à decoração dos elementos de suporte. O desenho dos capitéis revela-nos uma arte de esculpir a pedra algo rudimentar, apesar das indicações de movimento aí delineadas. Datada, provavelmente, do séc. XIII, a decoração escultórica dos capitéis, cujos cestos surgem ornamentados com estilizações de elementos vegetalistas, revela fortes afinidades com a decoração escultórica de algumas igrejas galegas que esculpiram alguns dos seus capitéis com uma flora estilizada rematada, nos ângulos, por uma espécie de bola ⁹.

A Ordem de Cister não negava a ausência absoluta de escultura, insurgindo-se, antes, contra a representação escultórica, figurativa e historicista que, segundo os cistercienses, afastavam os monges da sua tarefa primordial: a oração. Pela primeira vez encontramos nos alçados da igreja, a criação de uma ambiência decorativa que será repetida, apenas, na sala capitular do mosteiro e nas mísulas e mísulas-capitéis da igreja.

O interior da igreja de Santa Maria de Aguiar oferece-nos, na sua globalidade, o mesmo formulário construtivo, rigoroso, simples e despojado que encontramos no exterior (Fig. 5).

A sobriedade que qualifica a igreja cisterciense é acentuada pelas reduzidas dimensões das naves, com apenas dois tramos no sentido longitudinal ao eixo da igreja e pelo sistema de cobertura utilizado na nave central (madeira de carvalho). Por outro lado, as dimensões do transepto e da abside não se coadunam com a proporção das naves e das capelas laterais resultando, assim, uma certa disparidade construtiva, como temos vindo a assinalar.

Um arco abatido localizado sobre o primeiro tramo da nave marca a memória da anterior existência de um coro alto, resultado das modificações litúrgicas ocorridas na Época Moderna. A nave central,



Fig. 5 – A igreja de Santa Maria de Aguiar.
Interior



Fig. 6 – A igreja de Santa Maria de Aguiar. Arcadas da nave central

Fig. 7 – A igreja de Santa Maria de Aguiar. Nave lateral sul

Fig. 8 – A igreja de Santa Maria de Aguiar. Mísula-capitel da nave lateral sul



mais larga que as laterais, não possui qualquer abertura e separa-se daqueles corpos através de arcadas, cujos arcos duplos e apontados, de perfil rectangular, estão abundantemente siglados (Fig. 6). Para o apoio dos arcos foram utilizados pesados pilares, de secção quadrangular, aos quais foram adossadas pilastras nas quatro faces, numa variação de uma tipologia de certa forma característica das construções cistercienses¹⁰.

Na nave lateral sul, as abóbadas de cruzaria, sextapartida no primeiro tramo e quadripartida no segundo, marcam um momento distinto na construção da igreja (Fig. 7). Edificadas nos séculos XIII ou XIV consistem num dos poucos elementos construtivos que terão resistido à acção do tempo, às metamorfoses estilísticas e sobrevivido às alterações estruturais, fenómenos esses que, de certo modo, assolaram quase todas as igrejas medievais construídas em território português.

As mísulas-capitéis obedecem, neste espaço, a uma função estrutural particular (Fig. 8). Frequentemente utilizadas nas construções cistercienses, testemunham um exercício figurativo bastante elaborado suavizando, ao mesmo tempo, a sobriedade dos elementos construtivos. As mísulas da nave sul, quer na estilização das folhagens, quer na simplicidade geométrica das formas - cul-de-lamp em forma de pirâmide invertida -, concentram um vigor decorativo típico das soluções comandadas pela estética cisterciense.

A fenestração da ala meridional segue o esquema utilizado no exterior, ou seja, duas estreitas frestas rematadas por arcos ligeiramente quebrados, emolduradas por arcos de meio ponto, assentes sobre pequenas impostas.

Aliás, a grande uniformidade construtiva da igreja de Aguiar passa, sem dúvida, pela tipologia dos vãos. No caso concreto das frestas, são praticamente todas iguais independentemente da sua localização. Marcam excepção, a fenestração da cabeceira e do topo do braço sul do transepto que, como atrás referimos, possui um certo sentido monumental.

A composição estrutural da nave lateral norte caracteriza-se pelo isomorfismo típico das construções simétricas. Assim, a ala setentrional preserva os esquemas arquitectónicos e artísticos utilizados na correspondente sul, quer ao nível dos elementos de suporte, quer ao nível da fenestração, da cobertura e da decoração.

O transepto, menos elevado que a nave axial, está dividido em dois tramos em cada um dos braços. A cobertura utilizada foi a abóbada de berço quebrado, no sentido transversal ao eixo da nave central, apoiada sobre arcos torais que descarregam o impulso sobre mísulas.

São várias as aberturas que podemos observar nos braços do transepto (Fig. 9). A enorme janela localizada no topo do braço sul, cuja gramática estilística repete a composição exterior ilumina, abundantemente, o interior consistindo na maior fonte de luz de todo o edifício. A porta dos mortos, extremamente simplificada nas soluções estruturais e decorativas, resume-se a uma abertura em arco, numa cópia fiel do modelo executado na porta principal. No muro ocidental deste braço, está localizada a porta de acesso à torre escondendo uma escada em caracol que, como atrás referimos, permite o acesso aos telhados da igreja. Nas paredes meridional e oriental estão inscritos dois pequenos nichos, emoldurados por arcos apontados, espaço reservado, decerto, à arrumação dos recipientes litúrgicos.

Na parede do topo do braço norte (Fig. 10), um óculo com uma molduração circular concêntrica quebra a opacidade do muro. A sua função estaria ligada à ventilação do espaço. A abertura situada à direita, fazia a ligação do dormitório dos monges com a igreja e era conhecida com a denominação de porta das matinas, dando assim cumprimento a uma das premissas construtivas que caracterizavam o programas arquitectónico cisterciense¹¹.

O portal que dá acesso à sacristia recebeu, na zona do lintel, um desenho curvilíneo finamente biseado, o que testemunha alguma influência da gramática manuelina em terras da Beira Interior.

Ainda no braço norte, mas desta feita na parede oriental, foi rasgada uma abertura que permitia o acesso do interior da igreja directamente à cerca do mosteiro.

Sobre a decoração escultórica dos braços do transepto, assinalamos as mísulas que sustentam e rematam os arcos torais. Entre o conjunto dos quatro elementos, salientamos a mísula colocada na parede oriental do braço norte, pela peculiar figuração que a caracteriza: dois animais fantásticos, mistos de leões e serpentes, encerrados por blocos de granito surgem, estranhamente, no interior de uma igreja cisterciense que, como repetidamente temos vindo a referir, afastava a figuração animalista da sua decoração.



Fig. 9 – A igreja de Santa Maria de Aguiar.
Transepto: braço sul

Fig. 10 – A igreja de Santa Maria de Aguiar.
Transepto: braço norte

Fig. 11 – A igreja de Santa Maria de Aguiar.
Abside

Fig. 12 – A igreja de Santa Maria de Aguiar.
Nicho da abside



As paredes, profusamente sigladas, informam-nos sobre a actividade dos canteiros que trabalharam na igreja.

No interior do recinto, repetem-se as assinaturas, animando arcos, muros e janelas. Pequenas impostas decoradas em zig-zag cuja função estrutural consiste, juntamente com as paredes, em suportar o peso do arco que separa a nave lateral norte do transepto, estão inscritas na parede ocidental do braço norte.

O acesso à abside, ligeiramente alteada em relação ao pavimento da igreja, é efectuado através de um arco triunfal, apontado, assente sobre mísulas inscritas no pé-direito da parede (Fig. 11). O abobadamento surge idêntico ao do transepto, ou seja, foi também utilizado o berço quebrado mas, desta vez, no sentido longitudinal ao eixo da nave central. Um friso corre na parede superior, ao nível do arranque da abóbada, prolongando-se pelas impostas do arco triunfal e seguindo o seu percurso pelas impostas dos arcos do cruzeiro e pelas paredes orientais dos braços do transepto. Este elemento decorativo, pelo seu sentido rítmico, corta com a acentuada verticalidade produzida pela arcatura daqueles espaços.

No pano do arco triunfal foi vazado um óculo que representa mais uma fonte de iluminação para a igreja.

A fenestração da abside, hoje dissimulada pelo retábulo, é muito simples e configura três grandes aberturas em arco ligeiramente quebrado que não repetem, a nível interno, o mesmo formulário executado no exterior. Estão, porém, emolduradas em capialço e possuem duplo alargamento. A banda policroma dos vitrais repete o desenho que encontramos nas frestas localizadas nos espaços diferenciados da igreja.

Praticamente escondido pela estrutura que serve de apoio ao retábulo, um pequeno nicho surge inscrito na parede norte, cuja gramática, mais elaborada, afasta-se das aberturas que observámos no transepto (Fig. 12). De facto, o nicho da abside, mais ornamentado que os outros, é formado por dois colunelos, encimados por dois capitéis decorados com motivos vegetalistas e deveria ter como função a arrumação das alfaías litúrgicas e dos livros sagrados utilizados nos ofícios religiosos.

O retábulo em talha dourada que hoje podemos apreciar na capela-mor de Aguiar consiste num exemplar que, pelas suas características morfológicas, enquadra-se no estilo nacional. Atendendo às características do estilo, o retábulo pode ser datado da parte final do século XVII ou do primeiro quartel do século XVIII, apesar de sobre o pavilhão do sacrário (...) estar referida a data de 1636 ¹².

O formulário decorativo, próprio das composições que enformam o estilo nacional, utiliza colunas pseudo-salomónicas que suportam arcos concêntricos, à maneira dos portais românicos, e uma decoração onde sobressaem meninos e motivos naturalistas parras, uvas, frutos, flores, pássaros - aos quais frequentemente através dos sermões é dado um sentido simbólico, (e que) contribuem também para essa função didáctica ¹³.

O retábulo de Aguiar responde, portanto, às soluções propostas pela expressão barroca que, no devido tempo, alterou a organização espacial e a leitura orgânica do recinto e Santa Maria de Aguiar, como a maior parte dos edifícios religiosos coevos, acompanhou a estética do ouro que, na Época Moderna, enformava a arquitectura retabular.

Os dois absidiólos que compõem a cabeceira da igreja são extraordinariamente reduzidos em superfície e elevação e, à semelhança da abside, não estão nivelados com o pavimento do corpo da igreja (Fig. 13). Possuem apenas um tramo e estão cobertos por abóbadas de berço quebrado, também no sentido longitudinal ao eixo da nave, cujos arranques estão assinalados por frisos de perfil duplo. Arcos apontados marcam a passagem para o interior, assentando em impostas construídas, directamente, sobre o pé-direito das paredes. Uma fresta, extremamente simples, ilumina cada uma das divisões e o formulário construtivo que as caracteriza difere, de certo modo, do utilizado na fenestração das naves laterais: são em arco ligeiramente apontado mas estão emolduradas em capialço bastante pronunciado. Note-se que estas estruturas foram totalmente construídas pelo programa de restauro do edifício, segundo proposta da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).

Estreitos vitrais, desenhados em losangos, ocupam os espaços dos vãos e possuem, em analogia com os vidros das naves laterais, da abside e da janela do transepto, um debrumamento policromo e foram, também, montados em armação de chumbo. Nestes espaços encontramos também pequenos nichos, cuja composição estilística aproxima-se das aberturas inscritas nas paredes do braço sul do transepto. No bloco de cantaria, sob a imposta que recebe o peso do arco do absidiólo sul, no lado direito, foi esculpida uma curiosa cabeça de animal, possivelmente de um cão, de reduzidas dimensões.

Do ponto de vista estrutural e sobre as soluções encontradas para a elevação dos espaços religiosos, podemos referir que a tipologia arquitectónica adoptada nos edifícios afectos à Ordem de Cister - e aqui destacamos algumas igrejas construídas no território ibérico -, instituiu nas suas igrejas, quer ao nível dos alçados, quer ao nível da organização espacial interna, um certo hibridismo estilístico. Nesse sentido, a igreja cisterciense consiste num todo orgânico, onde os elementos tradicionais, locais ou regionais coexistem com algumas soluções estruturais desenvolvidas pela expressão gótica. No entanto, subsistiria a adopção de soluções programáticas extraordinariamente simplificadas, onde as noções de lógica, pureza e despojamento, seriam desenvolvidas com grande amplitude.



Fig. 13 – A igreja de Santa Maria de Aguiar.
Absidiólo sul

Esta afirmação adquire especial significado na pequena e sóbria igreja de Aguiar. O início da sua construção que, como tivemos ocasião de referir, se situa na passagem do século XII para o século XIII, coincide com a edificação da maior parte das igrejas da Ordem em território espanhol. Porém, enquanto que no país vizinho as realizações arquitectónicas cistercienses obedecem a um programa de cariz mais goticizante Portugal, pelo menos nas regiões do Norte e do Centro interior continuava preso aos formulários românicos desenvolvidos ainda com grande vigor. Assim, os programas aplicados, em planta e em alçado, resultaram substancialmente mais modestos que os edifícios construídos nos reinos vizinhos.

Mas a igreja de Aguiar desenvolveu, pelo menos para a cobertura da nave lateral sul, um esquema extremamente original no panorama arquitectónico cisterciense ibérico, principalmente se tivermos em conta a sua interioridade: a abóbada de cruzaria, afastando-se da tipologia utilizada nas igrejas de Fontenay (ex libris da arquitectura cisterciense medieval), Oya (Galiza) e S. João de Tarouca, cujas soluções estruturais espelham a tradição borgonhesa: em Santa Maria de Aguiar, as abóbadas de berço quebrado, são substituídas pelas abóbadas de cruzaria ¹⁴.

Nesse sentido, a adopção de elementos estruturais que estavam a ser desenvolvidos em larga escala pela estética gótica que, na altura, dominava o panorama arquitectónico e decorativo europeu, configura o hibridismo estilístico que caracteriza a igreja de Aguiar. A utilização de um formulário mais goticizante é também perceptível ao nível dos alçados, nomeadamente, no topo do braço sul do transepto onde foram rasgados dois vãos, um de iluminação e uma porta, que se enquadram, como verificámos, na gramática do novo estilo.

A nível da organização interna do espaço, da fenestração e dos elementos de suporte, a igreja de Aguiar mantém o vocabulário românico testemunhando no conjunto as várias etapas da sua construção e, consequentemente, as alterações estilísticas visíveis na sua factura final.

Contudo, a igreja de Santa Maria de Aguiar sofreu profundas alterações estruturais ao longo do tempo, concretamente na Época Moderna e, já no nosso século, com as intervenções patrocinadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), quando foram efectuadas diversas obras de reabilitação. O programa de restauro levado a cabo por aquele organismo iniciou-se em 1936, quatro anos após o conjunto arquitectónico (igreja e mosteiro) ter sido classificado monumento nacional, e consistiu, para a igreja, na demolição dos acrescentos estruturais e estilísticos, produzidos na passagem do século XVII para a centúria seguinte, e a sua reconstrução dentro dos moldes supostamente primitivos.

Fig. 14 – O mosteiro de Santa Maria de Aguiar. O claustro no estado actual



O espaço destinado às dependências conventuais

A ordenação dos lugares regulares do mosteiro de Santa Maria de Aguiar deve, no seu percurso construtivo, ter acompanhado as tradições da Ordem de Cister. À semelhança do que acontecera com a igreja, o mosteiro conheceu também profundas alterações estruturais na sua traça original. A decadência física, consequência dos fenómenos climatológicos e belicistas que conheceu ao longo da sua história, contribuíram para o estado de degradação que as dependências conventuais hoje reflectem. Por outro lado, o estado de progressivo abandono, consequência da extinção das Ordens Religiosas em 1834 não favoreceu a manutenção daquele espaço. Perante todos estes constrangimentos, o mosteiro de Santa Maria de Aguiar, actualmente, pouco ou nada nos informa sobre a sua traça primitiva (Fig. 14).

De qualquer maneira, crê-se que a sua organização inicial deve ter espelhado os costumes da Ordem com a segregação construtiva que repartia, na vida quotidiana, os lugares conventuais destinados aos monges professos e aos irmãos conversos. A realização de trabalhos de prospecções arqueológicas no local em que, provavelmente, teria sido erguida a ala ocidental do mosteiro (zona destinada ao alojamento dos conversos e às oficinas e celeiros), seria fundamental para conhecermos, de forma mais aprofundada, os modos construtivos estipulados pela Ordem.

A localização das dependências dos irmãos laicos, o dormitório, o refeitório e as zonas comuns como os celeiros e demais oficinas encontra-se, hoje num estado de quase irreversível identificação. De facto, as obras efectuadas na hospedaria do mosteiro (datada dos princípios do séc. XVIII), que se transformou em pousada de habitação, acabaram por eliminar qualquer possibilidade de reconstituição daquela ala.

Através dos relatos de alguns cronistas e, particularmente, pela visita efectuada pelo abade D. Edme Salieu e Claude de Bronseval aos mosteiros cistercienses espanhóis e portugueses, somos informados da configuração da abadia beirã em meados do século XVI e no século XVIII. Apesar de, actualmente, não conseguirmos identificar as dependências conventuais (a sacristia e da sala capitular consistem nos únicos espaços que conseguiram sobreviver ao longo dos anos), o mosteiro de Santa Maria de Aguiar deve ter seguido o esquema tradicional, do ponto de vista arquitectónico e estrutural. Sabe-se, com certeza que, pelo menos no segundo quartel do século XVI, a

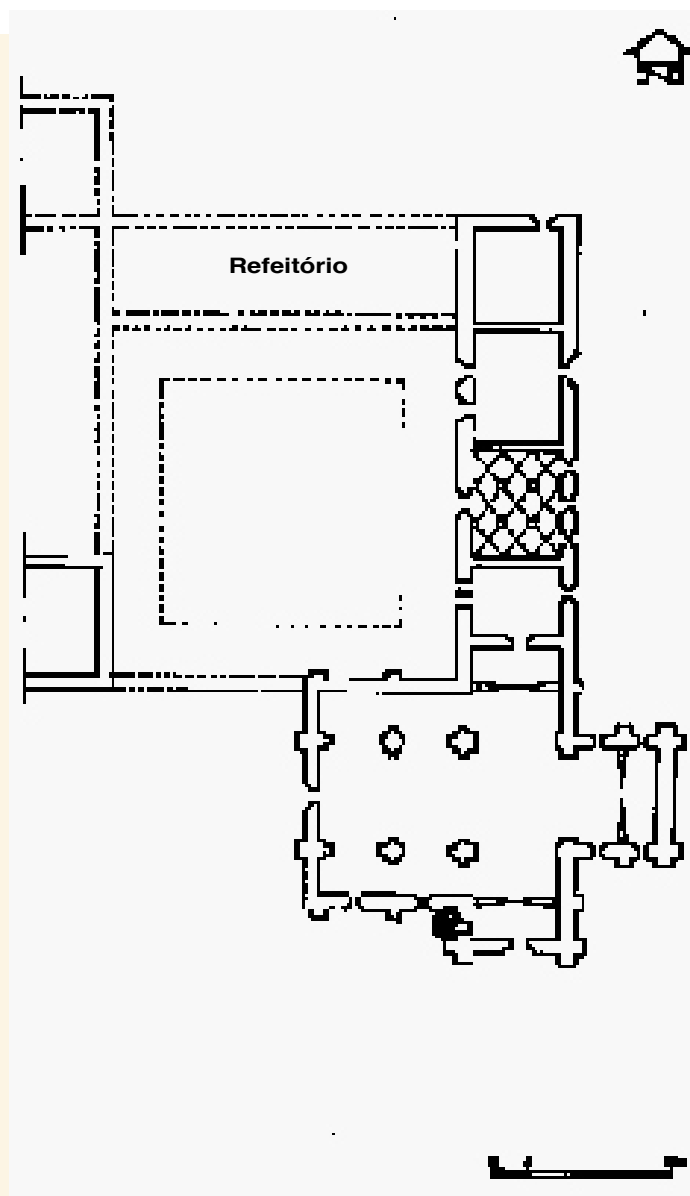


Fig. 15 – Planta do mosteiro de Santa Maria de Aguiar no séc. XIX. Desenho de Fernando Barbosa seg. original do Arquivo Iconográfico da Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Centro



Fig. 16 – O mosteiro de Santa Maria de Aguiar. Sacristia.

abadia possuía um dormitório, um refeitório, uma cozinha, uma enfermaria e a casa abacial ¹⁵.

Relativamente ao dormitório a sua traça viria a ser alterada para uma configuração espacial diferente da original que dividia o local, inicialmente comum a todos os monges, em celas que, nos finais do séc. XVIII, totalizavam dezasseis ¹⁶.

O refeitório dos monges ainda existia no século XIX, quando algum alicerce ou pano de parede permitiu a autor de uma planta guardada nos arquivos da Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Centro situá-lo na ala norte de claustro, enquadrando-se no esquema organizacional das dependências conventuais de alguns mosteiros cistercienses (Fig. 15).

No que diz respeito às restantes dependências, entre as quais salientamos a cozinha, a ala dos conversos, lavabos, celeiros, etc.,

permanecemos no mais absoluto silêncio. Terão, certamente, existido.

A Sacristia

A pequena sacristia da igreja de Santa Maria de Aguiar e a sala capitular consistem nos únicos sobreviventes da aventura do tempo que dizimou o conjunto monástico beirão.

O espaço destinado à sacristia, muito reduzido nas suas dimensões, está localizado no eixo norte

do claustro, entre a igreja e a sala capitular (Fig. 16). A abóbada de berço ligeiramente quebrado, a profusão de siglas que compõem o registo pétreo guardando, para sempre, na memória os homens que participaram na sua construção e o efeito lumínico proporcionado pelo vitral da magnífica janela gótica que rasga, quase na totalidade, a parede oriental da sala, salientam o contraste entre uma ambiência compacta, marcada pelo predomínio das massas e uma certa imaterialidade sugerida pelo efeito cromático da luz.

A janela gótica consiste, de facto, no elemento mais interessante desta sala. Configurando em exercício estilístico perfeito, é composta por uma abertura de dois lumes, circunscritos por dois arcos quebrados inseridos, por sua vez, num arco pleno. Um quadifólio cingido por uma moldura circular recorta-se no vão, teste-



Fig. 17 – O mosteiro de Santa Maria de Aguiar. Fachada da sala do capítulo

munhando mais uma vez a correspondência formal dos elementos que compõem a fenestração do todo arquitectónico, válida para as pequenas e grandes aberturas. Vitrais em losango policromados preenchem o vazio dos vãos.

Uma pequena fresta na parede oriental testemunha, mais uma vez, a homogeneidade das soluções encontradas para os vãos de iluminação, funcionando como fonte directa de luz nas primeiras horas do dia.

A Sala do Capítulo

Confirmando a tradição cisterciense, a sala capitular foi construída no seguimento da sacristia e aberta para o claustro (Fig. 17). A semelhança das salas capitulares dos mosteiros da Ordem, a frontaria é composta por três vãos: o central, identificado pela porta e os laterais configurados por duas janelas que, segundo o costume cisterciense, permitia aos monges e aos irmãos conversos assistir às sessões do capítulo.

O vão central é composto por uma abertura em arco quebrado, sobre impostas de duplo perfil que assentam directamente no pé-direito do muro. Duas arquivoltas toreadas descarregam a sua pressão sobre impostas que se confundem com os ábacos dos capitéis. Dois pares de colunas cilíndricas, de fustes monolíticos, estão adossadas ao pé-direito, sustentam as impostas e estão assentes sobre plintos de secção quadrangular, bastante elevados, atenuando o desnível da entrada. Os capitéis, decorados com motivos vegetalistas, representam uma folhagem estilizada que ocupa toda a superfície do cesto, rematada com uma espécie de bola nos ângulos, à semelhança da solução adoptada na porta dos monges.

As aberturas laterais, configuram um modelo muito mais simplificado que a correspondente central. Nesse espaço foram rasgadas duas janelas, em tudo idênticas entre si, que ladeiam a porta de acesso, compostas por uma primeira estrutura em arco quebrado sobre impostas de duplo perfil, secundada por arquivoltas toreadas também assentes sobre impostas, numa fórmula paralela à utilizada na porta. Porém, nas janelas da sala capitular, está ausente o sentido plástico que caracteriza aquela abertura.

Do lado interno, todas as aberturas repetem o esquema desenvolvido no exterior, com excepção para a decoração dos capitéis que utilizam, para além das representações de tipo vegetalista, elementos fitomórficos entrelaçados, o que contribui para a criação de uma ambiência plástica de grande vigor criativo.



Fig. 18 – O mosteiro de Santa Maria de Aguiar. Interior da sala do capítulo



Fig. 19 – O mosteiro de Santa Maria de Aguiar. Sala do capítulo: Chave de abóbada



Fig. 20 – O mosteiro de Santa Maria de Aguiar. Sala do capítulo: Mísulas-capitéis



O interior desta dependência revela-nos a homogeneidade própria do esquema desenvolvido nas salas congêneres da Ordem (Fig. 18). De planta quadrangular, está dividida em seis tramos ou em dois, no sentido longitudinal. A sala, abobadada em cruzaria quadripartida configura o formulário construtivo cisterciense para a cobertura das salas capitulares. As nervuras, de perfil triangular, estão envoltas por finos e elegantes toros que conferem uma enorme delicadeza ao conjunto. Os arcos que limitam os tramos seguem idêntico esquema. As chaves das abóbadas, ornamentadas com motivos vegetalistas são compostas por desenhos pluriformes: são todos diferentes entre si e, inclusivamente, detecta-se um elemento figurativo, tecnicamente bem esculpido e de rara incidência em edifícios cistercienses (Fig. 19). As nervuras das abóbadas e dos arcos descansam sobre as duas colunas que apoiam o sistema de cobertura da sala e sobre as mísulas e mísulas-capitéis que abundam neste espaço. As colunas, de fustes cilíndricos, assentam sobre bases de secção octogonal.

Os capitéis apresentam a mesma solução poligonal para o perfil dos ábacos. Profusamente decorados, a linguagem vegetalista dos cestos segue, de perto, a uniformidade ornamental de todo o conjunto. Recordemo-nos que, noutras partes do mosteiro, concretamente na igreja, foi sempre adoptada uma figuração idêntica para a decoração de capitéis e mísulas. De perfil poligonal, do ponto de vista da estruturação formal, as mísulas-capitéis constituem verdadeiras jóias no talhe da pedra, no ponto de vista artístico (Fig. 20). Na parede ocidental, encontramos soluções decorativas mais simplificadas, em forma de diamante, ao mesmo tempo que se pode apreciar o forte vigor plástico de outras. Trabalho de autêntico labor escultórico, as mísulas-capitéis revelam a mestria e a capacidade criativa, técnica e artística dos artífices que trabalharam na sua composição.

Na parede nascente foram rasgadas três aberturas compostas por duas frestas que ladeiam um óculo, com a finalidade natural de iluminar e ventilar o interior (Fig. 21).

Se bem que nos seja permitido avançar com uma hipótese

para a construção da sala capitular do mosteiro de Santa Maria de Aguiar, cuja conclusão deve ter ocorrido em finais do séc. XIV adiantado, não terá, contudo, consistido no espaço original. De facto, na parede sul é perceptível a reminiscência de um arco anterior à construção actual que nos remete para a memória de um sistema de cobertura menos elevado e talvez mais arcaico que o actual.

A sala do capítulo do mosteiro de Santa Maria de Aguiar pode ser considerada, no seu género, como um dos exemplos mais representativos do enquadramento arquitectónico para as salas capitulares medievais. Hoje, abandonada, quase em ruínas, apenas lhe resta a voz dos que insistem em preservar a sua memória, dos que sabem que não existe fronteira entre passado, presente e futuro.

Ana Margarida Carvalheira

Notas

¹ Frei Fortunato de S. Boaventura, monge cisterciense (1777-1884), resume a importância do desenvolvimento da agricultura na Idade Média, levada a cabo pelos monges de Cister. Refere o cronista que, (...) Hum dos maiores serviços que Ordem de Cister apenas instituída fez a toda a Europa, foi o melhoramento da Agricultura em todos os Reinos, e Estados, que lhe permitirão fundar Mosteiros. Ensina-nos também que (...) aos Cistercienses, que pelo seu cuidado pela Agricultura são chamados boni hominis (...), não censurando a sua Ordem por não ter pago tributos, uma vez que, em troca, a agricultura recebeu (...) auxilio, engrandecimento e proveito. S. BOAVENTURA, Frei Fortunato de - *Historia Chronologica da Real Abadia de Alcobaça*, Título II, Capítulo I, 1827, pp. 27-29.

² Os problemas relativos à sucessão dinástica originaram, entre 1320 e 1324 uma guerra civil que opôs D. Afonso IV e seu pai D. Dinis, dividindo o país em duas facções: por um lado, o Norte e o Centro de Portugal apoiaram o infante, enquanto o Sul combateu ao lado do rei. Vitorioso, D. Afonso IV, em 1325, protagonizou uma contenda com seu meio-irmão Afonso Sanches que (...) pegou armas, reuniu forças de Castela e invadiu Portugal, espalhando a lei do ferro e do fogo, território fronteiriço abaixo, desde Trás-os-Montes até ao Alentejo. MATTOSO, José (Direcção de) - *História de Portugal*, 2º. Vol. Lisboa: Ed. Círculo de Leitores, 1993, p. 484. Por outro lado, entre 1336 e 1339, Portugal entrou em guerra com Castela. Estas batalhas, travadas no início do séc. XIV, terão prejudicado a conclusão da igreja de Santa Maria de Aguiar, cuja traça reflecte, de facto, o seu estado de interrupção.

³ Cf. VICENTE, António Maria Balcão - *Domínio e Senhorio de Santa Maria de Aguiar, séculos XII e XIII*. CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE SAN BERNARDO E O CISTER EN GALICIA E PORTUGAL. Ourense, 1991: actas, Ourense, 1992, Vol. I, pp. 563-576.

⁴ DIMIER, Anselme - *Recueil de Plans d'Églises Cisterciennes*. Supplément, Paris: 1962.

⁵ GUSMÃO, Artur Nobre de - *A Expansão da Arquitectura Borgonhesa e os Mosteiros de Cister em Portugal*, Lisboa: 1956, p. 338

⁶ DIAS, Pedro . *A Arquitectura Gótica Portuguesa*, Lisboa: Ed. Estampa, 1994, p. 69.



Fig. 21 – O Mosteiro de Santa Maria de Aguiar. Fenestração da parede oriental externa da Sala do Capítulo

⁷ De facto, na maior parte das igrejas cistercienses, havia uma grande demarcação entre os espaços destinados aos monges e aos irmãos conversos (laicos que viviam no mosteiro a quem estavam entregues as tarefas agrícolas). Assim, dada a existência de um local específico no interior da igreja, no qual os irmãos conversos assistiam aos ofícios litúrgicos, a entrada para a nave efectuava-se por uma passagem especial, pela denominada porta dos conversos, situada no alçado que fazia a ligação ao claustro, norte ou sul, após a porta dos monges localizada nesse eixo mas no sentido este-oeste.

⁸ A denominação de porta dos mortos surge, nas igrejas cistercienses, em consequência da sua localização. Era através desta abertura que se efectuava a passagem do interior da igreja para o cemitério que se pensa ter existido, algures, no prado que se estende a sul do recinto. Cf. COUTO, João - O Convento de Santa Maria de Aguiar em Riba-Côa (Termo de Castelo Rodrigo). Porto: Tipografia Progresso, 1927, pp. 53-54.

⁹ As igrejas galegas de Armenteira e Oseira adoptaram, na ornamentação dos seus capitéis e mísulas a mesma fórmula que encontramos nos capitéis da porta dos monges da igreja de Aguiar. Cf. VALLE PEREZ, J.C. - La Arquitectura Cisterciense en Galicia. Pontevedra: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1982, Vols. I e II.

¹⁰ A tipologia que caracteriza a especificidade dos elementos de suporte utilizados em algumas igrejas cistercienses revela-nos que, para o apoio dos arcos são utilizados pilares aos quais são adossadas meias colunas criando, assim, bases de secção cruciforme. Foi esta a solução adoptada, por exemplo, nas igrejas de Alcobaça e Veruela (Saragoça), entre outras.

¹¹ (...) la puerta de matines (...). Comunicaba el dormitorio de los monjes con la abacial y se utilizaba tan sólo dos veces a lo largo de la jornada monástica: para ganar el dormitorio tras el oficio de completas, el último del día, y para descender a la iglesia con el fin de asistir a los matines (de ahí, precisamente, su nombre), primer acto de la vida cotidiana de la comunidad. In VALLE PEREZ, J.C. - ob. cit., Vol. I, pp. 105-106

¹² Cf. COUTO, João - ob. cit., p. 31

¹³ FERREIRA-ALVES, Natália Marinho - A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela. Materiais e Técnica), I Vol., Porto: Arquivo Histórico, Câmara Municipal do Porto, 1989, p. 46.

¹⁴ A abóbada de cruzaria foi utilizada, em algumas igrejas cistercienses espanholas, na cobertura das naves centrais e laterais, como nos demonstra o exemplo da igreja de La Oliva (Navarra). Cf. YARZA, Joaquín - Arte y Arquitectura en España, 500/1250, 7ª. Ed. Madrid: Manuales Arte Cátedra, 1994, p. 339. A igreja de Alcobaça adoptou, também, esta solução. A originalidade de Santa Maria de Aguiar reside, exactamente, no emprego da cruzaria nas laterais enquanto que a central permaneceria agarrada ao formulário borgonhês, através da adopção do berço quebrado. Porém, infelizmente, o projecto para a cobertura da nave central não chegou a ser concretizado tendo sido adoptada uma cobertura em madeira. Cf. CHAGAS, Frei Hilário das - Memórias varias a saber da Fundação e Doações do Real Mosteiro de Alcobaça. Catalogo dos seus primeiros 20 Abades. De como El Rey D. Manoel no anno de 1498 mandou visitar e saber das Fundações e Lendas dos Mosteiros Cistercienses deste Reino. 1575. Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa, Cód. Alcob., CCCLXXII/92.

¹⁵ Cf. BRONSEVAL, Claude de - Peregrinatio Hispanica. Tome II, Paris: Press Universitaire de France, 1970, p. 567.

¹⁶ Cf. Papeis avulsos que ficarão de Frei Manoel de Figueiredo, Chronista dos Cistercienses de Portugal. Notícia dos Mosteiros da Congregaçam e dos seus Rendimentos, 1786, Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa, Cód. 1493.

¹⁷ De facto, os refeitórios primitivos das abadias cistercienses, ao contrário dos mosteiros beneditinos ou premonstratenses, foram construídos, na sua maior parte, na perpendicular ao eixo da igreja, principalmente, a partir do séc. XIII. No entanto, alguns mosteiros edificados ao longo do séc. XII, orientaram os seus refeitórios num sentido paralelo à respectiva ala claustral. Cf. AUBERT, Marcel - L'Architecture Cistercienne en France, Tomo I, Paris: Vanoest - ...ditions diArt et diHistoire, 1947, p. 118 e WAEHER-ANTIGLIO, Catherine - Hauterive. La Construction diune Abbaye Cistercienne au Moyen Age. Friburgo: Éditions Universitaire, 1976.